

# Breve explicação sobre a migração em Valadares

*Igor José de Renó Machado, Ellem Saraiva Reis,  
Roberta Morais Mazer, Flora Guimarães Serra,  
Alexandra C. Gomes Almeida, Tassiana Barreto, Fábio Stabelini,  
Amanda Fernandes Guerreiro*

A cidade mineira de Governador Valadares possui aproximadamente 260.396 habitantes.<sup>3</sup> Localiza-se a 320 km da capital do estado, Belo Horizonte, na mesorregião do Vale do Rio Doce. Governador Valadares é formada, desde sua fundação em janeiro de 1938, por pessoas de diversos lugares do país e do mundo. Essas pessoas foram à cidade impulsionadas, principalmente, pela extração de pedras e minérios que a região oferecia. Essa extração atraiu não apenas brasileiros de diversas regiões, mas também pessoas de diferentes países do globo. Assim se teceram os primeiros contatos entre valadarenses e *gringos*.

Seu passado de atração de grandes empresas norte-americanas e indústrias extrativistas (florestais e mineiras) possibilitou à população valadarense um contato com o exterior e a circulação de dólares na cidade, dinamizando a

---

3 Fonte: IBGE. Dados de 2007.

economia local e, assim, criando um imaginário social sobre esse estrangeiro e a terra de origem desse fluxo de pessoas e dinheiro. Nos anos 1940, durante o ápice da extração de mica, a cidade contava com mais ou menos 25 mil habitantes (ASSIS, 1999).

A cidade esteve, assim, em contato com diversos lugares do mundo, principalmente com os EUA. Seus primeiros habitantes compuseram um todo heterogêneo, que ali chegavam em busca de uma prosperidade impulsionada pela possibilidade de extração de diversos minérios e pedras preciosas. Segundo o historiador Haruf Salmen Espindola (1998), muitos estrangeiros saíram de países como Japão, EUA e Alemanha e vieram para a cidade com o intuito de explorar a mica, minério utilizado na indústria bélica da época. Com a II Guerra Mundial, os alemães e japoneses foram embora – uma vez que o Brasil também entrou no conflito e declarou guerra aos dois países –, mas os norte-americanos ficaram. E continuaram chegando em maiores números, principalmente com a construção da Estrada de Ferro da Vale do Rio Doce realizada por uma empresa de Boston, fortalecendo, a cada dia, a relação entre a cidade e a “América”, como dizem os valadarenses. Em 1940 foi fundado o Rotary Club – pelo engenheiro-chefe da obra, Mr. Simpson –, e, com isso, deram-se as primeiras emigrações de valadarenses com destino aos EUA, influenciados pelo programa de intercâmbios culturais realizado pela

instituição.<sup>4</sup> Assim, sabe-se que as primeiras levadas de emigrantes foram constituídas por representantes da elite local e, mais à frente, nos anos 1970 e 1980, o fenômeno passou a atingir a classe média, e é na década de 1990, com o advento dos “coiotes”,<sup>5</sup> que as classes mais baixas da população valadarense começaram a emigrar.

Nos anos 1980 e 1990 acontece o chamado *boom* migratório, impulsionado pela crise econômica que se iniciou ainda no fim do regime militar e se radicalizou com o Plano Collor em 1991. Os chamados “exilados da crise” (ASSIS, 1999) são, em grande número, valadarenses não por acaso: a rede de conexão Governador Valadares–Estados Unidos começou a ser tecida ainda em meados das décadas de 1940 e 1950. As redes que conectam Valadares a outros lugares do mundo se estabeleceram a princípio entre a cidade e os EUA; no entanto, esse *boom* migratório de brasileiros (e outros habitantes de países periféricos, como México, países do Caribe e da África, etc.) foi combatido pelo governo norte-americano com o endurecimento das regras de imigração – os valadarenses, então, criaram novas estratégias de emigração, que vão desde o advento das travessias pelo deserto na fronteira entre

---

4 Para mais informações sobre o início da migração valadarense, ver Assis e Siqueira (2009).

5 Coiotes são profissionais que auxiliam os emigrantes na travessia entre México e EUA. São “atravessadores e guias que auxiliam nas travessias”. (MACHADO; REIS, 2007).

México e EUA, facilitadas pelos “coiotes”, até o desenvolvimento de novas rotas migratórias, que incluem outros países, sobretudo Portugal (MACHADO; REIS, 2007).

Com os primeiros valadarenses já em solo americano, realizando o sonho que se caracterizava como um “fazer a América”, ou seja, ganhar dólares e, conseqüentemente, melhorar de vida, uma espécie de rede de contatos foi-se formando. Essas redes, juntamente com os relatos de sucesso que os familiares dos primeiros imigrantes traziam à cidade, auxiliaram na ida de outros valadarenses, marcando o que Assis (1999) identificou como o terceiro e definitivo contato e estabelecimento de “laços” entre Valadares e EUA. As redes sociais de valadarenses no exterior os fortaleciam frente à sociedade americana e transmitiam aos futuros imigrantes mais segurança e conforto. Finalmente, em meados dos anos 1980, a cidade ficou conhecida como o “polo brasileiro exportador de mão de obra”. Em proporções maiores, o Brasil também passava da condição de receptor de mão de obra para se tornar um país de emigração (FELDMAN-BIANCO, 2001).

## DESTINOS

Emigrar é um verbo comum aos valadarenses, seja qual das condições pontuadas por Weber Soares<sup>6</sup> a experiên-

---

6 Weber Soares (1999) pontua quatro condições definidas pelos próprios emigrantes valadarenses. São elas: definitivos, pendulares (que vivem em contínuo deslocamento Valadares-EUA, sempre “indo e vindo”), temporários e retornados.

cia migratória assuma. É um acontecimento que permeia toda a sociedade valadarense. Ao longo de sua história e das inúmeras emigrações, sobretudo para os EUA, a migração tornou-se mais que uma possibilidade de sucesso financeiro; tornou-se um mito que povoa seu imaginário popular. Assis (1999) re-toma uma “afirmação jocosa” que foi comum ouvir durante o trabalho de campo: “todo valadarense tem duas bicicletas e um amigo ou parente nos EUA”, discorrendo sobre a realidade da cidade, que é plana, e tem uma ampla rede de ciclovias e 15% de sua população fora do país. Além disso, as pessoas referem-se aos EUA, ou ainda Portugal, como “lá”: “fulano foi para lá”, por exemplo.

No entanto, devido às dificuldades atuais de imigrações em solo estadunidense – as políticas migratórias desse país e o controle da fronteira México-Estados Unidos –, novos lugares também se transformaram em destinos para essas pessoas. Assim, na busca por maiores facilidades de imigração e por melhores oportunidades de vida, Portugal passou a ser visto também como um local atrativo à mão de obra valadarense, pelos reduzidos custos da viagem, pela facilidade da língua e pela não necessidade de visto.

E, embora haja relatos de valadarense na Inglaterra, na Suíça, na Espanha e em outros países, deve-se observar que esse imaginário popular não mitifica apenas o ato de emigrar, mas, principalmente, os EUA em si – país que “inaugura” a tradição emigratória valadarense. Esse fato é bem exemplificado pela

fala de R., uma de nossas entrevistadas:<sup>7</sup> ela foi para Portugal simplesmente por questões logísticas, sua vontade era ir para os EUA, e o que a impulsionou a emigrar não foram questões puramente econômicas:

Assim... eu queria ir para os Estados Unidos. A minha vontade era ir para os Estados Unidos mesmo. Só que o pessoal [seus familiares] falou que era melhor eu ir para Portugal porque se eu não me desse bem eu voltaria mais rápido. [...] Eu fui, para ser bem sincera com você, porque eu estava com vontade, assim, de sair um pouco do Brasil. Ir ver lá fora como é que era. [...] Todo mundo aqui vai, aí pensei, eu também vou! [...] Eu fui lá mesmo porque eu queria ir (Relato de R.).

Esse “mito” se reproduz em Valadares através de diversos relatos, quase diários, que se têm sobre os conterrâneos que estão no exterior; a todo momento se ouvem histórias de sucesso e fracasso em experiências migratórias. Sobre isso, Assis afirma que discursos sobre a prosperidade da vida na América que perfazem toda a história da cidade serviram como mola propulsora do avanço das emigrações de valadarenses:

“Esses relatos são significativos para evidenciar a construção de um imaginário que naturaliza a presença americana em Valadares, da mesma forma que recria certo mito da identidade valadarense internacionalizada. A presença americana na cidade, portanto, embora temporária, deixa na lembrança

---

7 Ao longo de sete anos de pesquisas, coletamos mais de 100 entrevistas, que serão referidas sempre de forma a preservar o entrevistado ou entrevistada. Não especificaremos idade, data da entrevista nem qualquer informação que possa identificar o entrevistado.

dos moradores a ideia de modernidade, de progresso” (ASSIS, 1999, p. 129).

A visão dos EUA como terra de oportunidades, como o melhor lugar para se viver bem financeiramente e com direitos garantidos, mostrava-se constantemente durante os trabalhos de campo, sobretudo nas falas de pessoas mais antigas da cidade, que emigraram ainda nos anos 1980 e que viveram o ápice desse fenômeno. Quando conversamos com uma senhora que mora nos EUA há 20 anos, percebemos muito bem isso: ela sempre ressaltava a possibilidade de adquirir o “carro do ano” e as características imponentes das casas de seus filhos (diversos quartos, salas de jogos, etc.).

A “América” foi, então, idealizada como um local de progresso e modernidade (ASSIS, 1999) Dessa forma, quando, na década de 1980, ocorreu a estagnação econômica brasileira, e a região tornou-se, nas palavras de Weber Soares, um dos “bolsões evidentes de pobreza e tensão social” (SOARES, 1999, p. 169), grande parte de sua população passou a ver na emigração uma forma de obter recursos financeiros para a saída da situação brasileira de miséria.

É a partir desse contexto que Governador Valadares se torna o “polo brasileiro exportador de mão de obra”. Assim, durante esses quase 30 anos, diversas pessoas deixaram suas famílias em solo brasileiro, aventurando-se em terras estrangeiras em busca de recursos financeiros para o sustento familiar. Muitos, após conseguirem tais recursos, retornaram

ao Brasil e, aqui, construíram casas, adquiriram bens e incentivaram, com seu sucesso, outras pessoas a também migrarem; outros nunca mais retornaram, mas suas histórias, também de sucesso, chegaram à cidade mineira e contribuíram para fortalecer a ideia de prosperidade da imigração nos Estados Unidos. Muitos, porém, não tiveram a mesma sorte, como veremos neste livro.

Como demonstra Reis (2006), o “mito inicial” – de progresso, modernidade e facilidade no estrangeiro – é o que impulsionava as emigrações, por criar um imaginário popular que as estimulam através de histórias sobre emigrantes bem-sucedidos, ou seja, com sucesso financeiro. No entanto, através dos estudos já produzidos, podemos afirmar que a experiência prática atual dos emigrantes demonstra que estes passaram por grandes dificuldades no exterior, como precariedade do trabalho, ilegalidade, solidão, e poucos retornaram “bem de vida”.

Antes da crise econômica mundial de 2008, mesmo com os relatos frequentes de fracasso, a população continuava a emigrar, submetendo-se a diversos perigos – como na passagem da fronteira do México com os Estados Unidos, onde não há nenhuma garantia de segurança – ou ainda à possibilidade de perder o dinheiro investido, em caso de ser preso pela sua situação irregular. A população valadarense continuava se expondo a tais incertezas e se privando da convivência com sua família e amigos para “melhorar de



vida”. Após a crise, nossas pesquisas indicaram uma diminuição gradual da migração e um aumento também gradual do retorno, evidenciando uma reversão do fluxo migratório em Valadares. Pessoas continuavam a partir para o exterior, mas agora o número parece ser bem menor.<sup>8</sup>

A recente crise econômica mundial que pudemos observar causou mudanças na cidade mineira, e não apenas nela. No primeiro trimestre de 2009, o volume de dinheiro enviado dos trabalhadores no exterior teve a maior queda da história: 31,5% em relação ao primeiro trimestre de 2008.<sup>9</sup> Logo no primeiro trimestre de 2008, cerca de 3 mil pessoas voltaram do exterior<sup>10</sup> para Valadares. Em pesquisa em julho de 2009, muitas pessoas comentaram que como “a crise está muito ruim, ir para ‘lá’ não está compensando...” e que “agora com essa crise está difícil conseguir emprego”, mas continuavam a deixar o país como sempre fizeram.

---

8 Devido ao caráter essencialmente qualitativo de nossas pesquisas, falamos aqui apenas de impressões, a serem corroboradas ainda por pesquisas de cunho quantitativo. Para outras informações sobre o retorno, ver Siqueira, Assis e Dias (2010).

9 Informações obtidas em: <<http://portal.rpc.com.br/gazetado-povo/economia/conteudo.phtml?tl=1&id=887578&tit=Remessas-de-brasileiros-no-externo-caem-31>>. Acesso em: 22 maio 2009.

10 Informações obtidas em: <<http://noticias.uol.com.br/midia-global/fintimes/2008/04/02/ult579u2422.jhtm>>. Acesso em: 13 fev. 2009.

## COTIDIANO

Apesar de as crises nacionais terem impulsionado o processo emigratório, na cidade de Governador Valadares esse é um processo que se estendeu para além delas. A emigração continuava sendo vista como uma chance de se ganhar dinheiro e ascender socialmente, uma chance de “procurar futuro”, como disse uma das entrevistadas.

Com isso, podemos perceber que o projeto de emigrar é um projeto familiar: ele envolve aquele que parte para um outro país em busca de um projeto, mas também envolve aqueles que ficam para trás cuidando da família e da possível administração dos bens e do dinheiro enviados. A maior parte daqueles que partem o faz com o objetivo de comprar uma casa independente do restante da família, carro, moto ou, ainda, abrir um negócio. Alguns ou todos esses objetivos podem ser atingidos ou se mostram como um motivo para que as pessoas emigrem mais de uma vez, por não saberem administrar o dinheiro ou por serem lesados por alguém; outras vezes esses objetivos sofrem mudanças pelo próprio processo migratório, e, em alguns desses casos, a família passa a morar no exterior.

Se há, de fato, uma realidade transnacional que é construída diariamente pelos transmigrantes, ela está muito bem exemplificada em Governador Valadares: em todos os lugares, no centro, nos bairros, nos restaurantes, é possível encontrar seus indícios. As experiências migratórias valadarenses são, em sua grande

maioria, de caráter não documentado,<sup>11</sup> e, talvez por isso, essa condição já é dada *a priori* pelos entrevistados: ninguém diz que foi ilegalmente, pois essa informação já está subentendida.

No caso de Governador Valadares, as famílias da cidade se conectam e tecem suas reestruturações através dos países de destino dos emigrantes (Portugal e EUA, em sua maioria): em grande parte dos casos, é o pai quem se ausenta do lócus das relações familiares que compreende a casa; em outros, são ambos os pais que partem para o exterior, podendo os filhos ficar com os avós (na maioria das vezes), tios, amigos dos pais e até, em poucos casos, terceiros contratados para cuidá-los, ou ficam sozinhos, quando já têm idade para isso; por fim, existem os casos em que somente a mãe parte, e os filhos ficam morando com o pai, que conta com a ajuda de suas mães ou até de babás para ajudá-los na criação dos filhos.<sup>12</sup> Essas reestruturações familiares são recorrentes e

---

11 As pessoas saem de Valadares, vão até o México, de onde atravessam a fronteira pelo deserto, ajudadas por atravessadores, os conhecidos “coiotes”; quando chegam aos EUA, passam anos em situação irregular, são os chamados “imigrantes indocumentados”.

12 Evidentemente, há solteiros e casais sem filhos que emigram. No caso dos primeiros, muitos o fazem para conseguir recursos para o casamento; no caso dos segundos, a migração é um esforço conjunto para minimizar o tempo no exterior, a fim de constituir a família (e ter filhos) no Brasil. Os migrantes solteiros são os mais sujeitos a se desligarem das redes valadarenses, o que acontece com frequência, mas também é comum que procurem seus parceiros amorosos na cidade de Valadares ou entre valadarenses no Exterior.

vistas como um lugar comum nas experiências migratórias da população valadarense, salvo em casos em que os filhos ficam com babás ou sozinhos – o que é raro e muito malvisto pela população local, pois, segundo diversos informantes, tal fato facilitaria o desvio desses filhos, que podem adentrar o mundo das drogas e da prostituição. Há, ainda, jovens que emigram para encontrar seus parentes ou amigos no exterior.

Talvez haja um consenso geral na cidade de que a emigração do pai (o chefe da família nuclear) acontece para o bem comum da família, pois garante ascensão financeira, compra da casa própria, abertura de um negócio qualquer e outros bens diversos, sendo a busca pela casa própria algo visto como uma justificativa legítima e bastante evocada nas histórias das emigrações valadarenses. Neste contexto, para Machado (2010), a posse da casa viabiliza a centralização das relações da família e uma independência frente às famílias de outrem (pais, sogros, tios, etc.); assim, mesmo que a decisão de emigrar force os migrantes a abdicar do convívio presencial, cossubstancial, da família por um tempo determinado, também possibilita a aquisição da casa – e a posterior reunião familiar. Esses migrantes aceitam os riscos de toda reestruturação da família, ocasionada pela ausência de familiares específicos e inseridos no ônus dessa empreitada, apoiados no objetivo legítimo de consolidar sua Casa.

Há na cidade uma estrutura social que facilita a emigração através de obtenção de recursos financeiros, vistos falsos,

locomoção, entre outros. Além dessa facilidade econômica, há também recursos sociais que permitem a mobilidade de um país para o outro, como a existência de parentes e/ou amigos, nesses países, que se dispõem a receber os novatos e ajudá-los assim que chegarem. Em geral, antes de saírem do Brasil, os emigrantes já possuem a garantia de um lugar para se estabelecer – mesmo que temporariamente – e contatos para conseguir emprego.

Em uma entrevista com Er., que viveu por quatro anos nos EUA, foi relatado que só foi possível sua emigração através de um empréstimo conseguido com um vizinho e pela existência de um irmão que já vivia lá por dois anos, o que garantiu uma estabilidade assim que ela chegou no país estrangeiro.

Eu já queria ir antes mesmo do meu irmão, mas na época não tive como. Aí, quando deu mesmo para ir, estava com muita vontade e pude contar com ele, sabe? Encontramo-nos e ele me ajudou muito, mas não fiquei muito tempo parada, logo me arranjei. Quem quer trabalhar consegue! Por um tempo fiquei com dois, três trabalhos de uma vez, um de dia, outro à noite, e outro nos dias de folga. Fazia assim para esquecer as saudades da minha menina (Relato de Er).

A migração tem uma importância econômica latente na cidade, que pode ser organizada em dois pontos principais: (a) com recursos através das remessas de dinheiro e o investimento do montante na cidade e (b) pela circulação de dinheiro através de estruturas legais e ilegais que permitem

a migração. Essa estrutura social que facilita a migração permeia toda a cidade e é cotidiana; há grupos sociais que sobrevivem através dessas atividades. Essa importância econômica evidencia-se no discurso oficial que reconhece os “custos sociais” da emigração, os quais discutiremos melhor mais adiante, e ainda assim cria políticas públicas para melhor usufruto das condições materiais propiciadas pela emigração.

É importante destacar que a emigração que ocorre atualmente na cidade é realizada por pessoas das camadas populares de Governador Valadares, ou seja, pertencentes à classe média baixa e classe baixa. Além disso, apesar de poder ser considerada um ato pessoal, a emigração no caso estudado deve ser entendida como um projeto não individual, que envolve não só aquele que emigra, mas também outras pessoas próximas – principalmente familiares –, um projeto que a bibliografia especializada intitula como familiar.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, G. O. Estar aqui..., estar lá...: uma cartografia da emigração valadarense para os EUA. In: REIS, R. R.; SALES, T. (Org.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

ASSIS, G. O.; SIQUEIRA, S. Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. *REMHU*, Brasília, v. 16, p. 25–46, 2009.

ESPINDOLA, H. S. A história de uma formação sócio-econômica urbana: Governador Valadares. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 19, p. 148–162, 1998.

FELDMAN-BIANCO, B. Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: cultural

constructions of sameness and difference. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, v. 8, n. 4, p. 607-650, 2001.

MACHADO, I. J. R. Reordenações da Casa no contexto migratório de Governador Valadares, Brasil. *Etnográfica*, Lisboa, v. 14, p. 5-26, 2010.

MACHADO, I. J. R.; REIS, E. S. Algumas conclusões acerca do fluxo de valadarenses para Portugal. *Teoria & pesquisa*, São Carlos, v. 16, n. 1, 2007.

SIQUEIRA, S.; ASSIS, G. O.; DIAS, C. A. As múltiplas faces do retorno à terra natal. *Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*, Brasília, v. 5, p. 61-79, 2010.

SOARES, W. Emigração e (I)mobilidade residencial: momentos de ruptura na reprodução/continuidade da segregação social no espaço urbano. In: REIS, R. R.; SALES, T. (Org.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.